



PLANTIO DE IGREJAS: FUNDAMENTOS E PRÁTICAS NA PERSPECTIVA PAULINA

Ronaldo Lidório¹

RESUMO: Este artigo analisa os fundamentos bíblico-teológicos e as práticas do plantio de igrejas sob a perspectiva do apóstolo Paulo e da tradição reformada, com especial ênfase na missiologia trinitária de Gisbertus Voetius. O autor argumenta contra o pragmatismo e o sociologismo ministerial, defendendo que o surgimento de novas igrejas deve constituir um processo orgânico e espiritual, alicerçado na soberania de Deus, e não um ato meramente institucional ou impositivo. Por meio da análise de 1 Tessalonicenses 1.5, o estudo identifica seis elementos essenciais para o plantio de igrejas: o evangelho, as palavras, o poder, o Espírito Santo, a plena convicção e o procedimento santo da equipe missionária. Além de abordar as razões eclesiológicas e missiológicas do plantio, o texto destaca sua importância estratégica para o enraizamento geracional do evangelho. Conclui-se que as melhores práticas envolvem a evangelização cristocêntrica, o treinamento de lideranças locais e a intencionalidade estratégica, visando sempre aos alvos finais da missão: a obediência à Palavra, a conversão dos perdidos e a glória de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Plantio de Igrejas; Perspectiva Paulina; Missiologia; Eclesiologia; Piedade.

INTRODUÇÃO

O plantio de igrejas é um tema fundamental que transita entre a missiologia e a eclesiologia, constituindo frequentemente um ponto de convergência entre a reflexão teológica e a prática ministerial no campo. Toda compreensão missiológica e toda ação missionária devem estar enraizadas em uma sólida fundamentação bíblico-teológica para que a missão seja cumprida de

¹ Pastor presbiteriano e missionário transcultural (APMT e WEC). Doutor em Missiologia pelo South African Theological Seminary (SATS).

modo fiel. Sem esse alicerce, corre-se o risco de orientar a missão por motivações diversas, como o sucesso humano, a competição denominacional ou o orgulho eclesialístico, em vez de fundamentá-la no propósito e na fidelidade a Deus.

O apóstolo Paulo surge como o modelo ideal dessa integração, sendo considerado o mais impressionante teólogo do cristianismo e, simultaneamente, o seu maior missionário.² Assim, temos, nos escritos paulinos, bem como nos registros de suas ações no livro de Atos, fundamentos e práticas para o plantio de igrejas que fornecem um modelo bíblico e aplicável.

É importante, porém, pontuar inicialmente que a prática missionária contemporânea enfrenta graves perigos que podem desvirtuar o nascimento de novas igrejas.

O primeiro é o perigo do pragmatismo, que ocorre quando os envolvidos se concentram mais nos resultados do que nos fundamentos teológicos do plantio de igrejas. Consequentemente, aquilo que é bíblico e teologicamente evidente torna-se menos importante do que o que é funcional e mensurável.³ Diante de tal perigo, devemos ser lembrados de que corremos o risco de nos impressionarmos e imitarmos pessoas, projetos e ministérios que não são aprovados por Deus (2Co 10.18). Os resultados puramente numéricos jamais devem servir como régua missiológica para as iniciativas de plantio de igrejas.

O segundo perigo é o sociológico, que se manifesta quando o plantio de igrejas é compreendido como nada mais do que uma cadeia de soluções para as necessidades humanas. Esse risco evidencia-se quando as decisões são baseadas na interpretação sociológica das carências, e não nas instruções das Escrituras. Enquanto a proposta sociológica busca o progresso social para a alegria do homem, a proposta do evangelho visa à transformação de vidas para a glória de Deus. É certo que, no processo de redenção espiritual, também é possível perceber a transformação social em diferentes dimensões, mas esse caminho começa sempre ao pé da cruz (1Co 1.18).

O terceiro perigo é o eclesiológico, ligado à própria compreensão da natureza da igreja, na qual dois extremos devem ser evitados. O primeiro ocorre quando a igreja local assume uma postura puramente contemplativa do evangelho, havendo estudo da Palavra, mas completa ausência da missão. Rapidamente, os assuntos periféricos e supérfluos ocupam o centro das atenções, enquanto o desafio de ser sal e luz na sociedade é relegado ao desinteresse (Mt 5.13–16). O outro extremo, igualmente questionável, consiste em realizar o plantio de igrejas movido por motivações carais, buscando destaque missionário, fama na denominação ou o aplauso dos amigos.

² NICODEMUS, Augustus. *Paulo, plantador de igrejas*. São Paulo: Puritanos, 1998.

³ LIDÓRIO, Ronaldo. *Plantando igrejas: teologia, princípios e prática no ajuntamento dos redimidos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p. 9.

A motivação para o plantio de igrejas e para a pregação da Palavra não deve ser a igreja ou o missionário, mas Cristo Jesus. Nessa esfera, talvez o maior desafio da igreja não seja fazer o que é certo, mas fazê-lo pela motivação correta. Para que isso aconteça, é necessário caminhar com os olhos voltados para a Palavra, como fundamento e guia prático de toda e qualquer ação missionária.

Destaco que a reconciliação entre teologia e missiologia é uma necessidade urgente, a fim de evitar o divórcio entre o saber acadêmico e as mãos no arado. A teologia coopera com a missiologia ao definir o sentido da missão, enquanto a missiologia aponta para o plano redentivo de Deus nas Escrituras. Um trabalho missionário sem um sólido fundamento teológico divorcia-se da mente de Deus e cede a atalhos perigosos na proclamação do evangelho. Assim, a missão deve ter como base a fidelidade ao Senhor, e não a satisfação de planos pessoais e tendências contemporâneas.

Nesse cenário, a influência de Gisbertus Voetius, considerado o primeiro missiólogo protestante, oferece alicerces valiosos para a discussão. Teólogo holandês calvinista do século XVII, Voetius promoveu a conciliação entre a teologia erudita e a piedade pessoal, defendendo que a teologia é, por natureza, prática, ou seja, deve ser vivida. Sua missiologia é teocêntrica e trinitária, apresentando a missão do Deus triúno (*missio Dei trinitatis*), na qual o Pai planeja a redenção humana e envia o Filho; o Filho provê a redenção por meio de seu sacrifício substitutivo na cruz; e o Espírito Santo efetiva essa redenção, convertendo os corações e guardando-os ao longo da caminhada cristã.⁴

Este artigo discutirá o conceito bíblico de plantio de igrejas à luz da natureza da *ekklesia* como comunidade de fé chamada para a salvação e enviada para a missão. Serão exploradas as razões eclesiológicas, missiológicas e estratégicas para o plantio de novas igrejas. Além disso, analisaremos os seis elementos paulinos fundamentais para o nascimento de uma igreja: o evangelho, as palavras, o poder, o Espírito Santo, a plena convicção e o procedimento. Por fim, serão apresentadas algumas boas práticas para essas ações missionárias. O objetivo final é demonstrar que o plantio de igrejas, realizado com fidelidade bíblica, intencionalidade missionária e piedade cristã, constitui o meio mais eficaz para o enraizamento do evangelho em uma cidade, entre um povo ou em um país, alcançando muitas gerações.

1. O CONCEITO BÍBLICO DE PLANTIO DE IGREJAS

O termo plantio de igrejas refere-se ao processo de semeadura de um campo, na expectativa de que a semente germine, com a intenção de ver a graça de Deus convertendo indivíduos que venham a formar igrejas locais. Plantio e

⁴ VOETIUS, Gisbertus. *Selectarum disputationum theologicarum* [Selected theological disputations]. Utrecht: Joannis à Waesberge; Antonius Smytegelt, 1648–1669. v. 1, p. 466–472, 478, 482, 485–487.

plantação são termos sinônimos, mas é importante evitar o uso de implantação, pois este sugere algo impositivo, forçado ou meramente institucional, enquanto o conceito bíblico destaca o nascimento orgânico e espiritual da comunidade de fé sob a ação direta de Deus. Essa prática envolve não apenas o anúncio inicial do evangelho, mas também o amadurecimento dos cristãos na Palavra.

É importante destacar que o plantio de igrejas é definido, fundamentalmente, como um processo, distinguindo-se da evangelização, que se caracteriza como um ato de proclamação das boas-novas. Enquanto a evangelização pode ser pontual, o plantio envolve uma dinâmica cíclica e contínua, composta por seis etapas essenciais: relacionamento, evangelização, discipulado, ajuntamento cútico, treinamento de líderes e multiplicação. Esse processo não possui uma estrutura meramente linear, mas uma natureza na qual as etapas se complementam e se repetem continuamente, garantindo que uma delas não cesse quando a outra se inicia.

1.1. A NATUREZA DA *EKKLESIA* COMO COMUNIDADE CHAMADA E ENVIADA

O termo grego *ekklesia* é composto pela preposição *ek* (“para fora de”) e pela raiz *kaleō* (“chamar”), indicando uma chamada para fora de seu contexto original.⁵ Essa comunidade é, simultaneamente, retirada do mundo e enviada a ele como testemunha, refletindo o convite de Cristo aos discípulos para que se tornassem pescadores de homens. No Novo Testamento, o conceito refere-se tanto à comunidade dos santos reunida em uma localidade específica para adoração e missão quanto a todo o povo de Deus, em todos os tempos e lugares, isto é, à igreja (At 2.42–47; 1Co 4.17; Gl 1.13).

A contribuição de Gisbertus Voetius expande essa compreensão por meio da expressão latina *vocatio et missio*, ou seja, “chamado e enviado”. Voetius argumentava que a igreja de Cristo é chamada por Deus para a salvação e enviada por Deus para a missão, em um movimento único e indivisível, rejeitando a dicotomia entre ser igreja e fazer missão.⁶ Para Voetius, se é verdadeiramente igreja, ela é necessariamente missionária. Além disso, a igreja de Deus deve ser compreendida como uma comunidade de origem divina e propriedade exclusiva do Senhor. Ela não provém da elaboração humana, mas foi estabelecida e formada por Deus, devendo caminhar de acordo com o palpitar do coração de seu Senhor. Essa perspectiva desencoraja movimentos personalistas, pois a noiva pertence ao Noivo, e aos líderes cabe apenas a responsabilidade da obediência, do serviço e da alegria (Ef 5.25; 1Pe 5.2–3).⁷

⁵ LIDÓRIO, Ronaldo. *Plantando igrejas: teologia*, p. 16.

⁶ VOETIUS, Gisbertus. *De missionibus ecclesiasticis*. In: *Politicae ecclesiasticae*, p. 322–348. Utrecht, 1676.

⁷ LIDÓRIO, Ronaldo. *Igreja viva*. São Paulo: Editora Kingdom Words, 2023. p. 14-27.

1.2. METÁFORAS PAULINAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS LOCAIS

Paulo utilizou a expressão *phuteuō* (plantar) em 1 Coríntios 3.6–9 para descrever o esforço inicial da evangelização, enfatizando que, embora o homem plante e regue, é Deus quem dá o crescimento. Essa metáfora agrícola aponta para a necessidade de paciência no cultivo e para a dependência total da providência divina para a colheita espiritual. O esforço humano é apenas um instrumento nas mãos do Senhor.

Outra metáfora recorrente é *oikodomeō* (edificar ou construir), empregada em Romanos 15.20 para descrever a igreja como um edifício erguido sobre o fundamento que é Cristo. Essa imagem destaca a estrutura, a ordem e a solidez doutrinária indispensáveis para que a comunidade permaneça firme e não seja abalada por ventos de doutrina.

Outra metáfora utilizada pelo apóstolo Paulo é *gennaō* (dar à luz ou gerar), fundamentada em 1 Coríntios 4.15, para ilustrar seu papel no nascimento espiritual de novas igrejas cristãs. Ao afirmar que, embora os crentes pudessem ter milhares de tutores em Cristo, ele os havia “gerado” por meio do evangelho, Paulo destaca que o plantio de igrejas transcende a simples transmissão de informações. Ele envolve o poder de Deus manifesto por meio de relacionamentos e da proclamação da Palavra, pela qual o evangelho é comunicado, transformando vidas e reunindo-as em igrejas locais.

Na ótica paulina, proclamar o evangelho implicava acompanhar intensivamente os cristãos até que a nova igreja pudesse caminhar com maturidade. Essas metáforas revelam que o plantio exige intencionalidade estratégica, mas reconhecem que somente o poder de Deus pode transformar corações e fazer nascer uma nova igreja local. O papel do plantador é, portanto, o de um servo que se dedica aos propósitos de Deus, ancorado nas convicções da Palavra e na dependência do Eterno.

1.3. UMA DEFINIÇÃO REFORMADA PARA O PLANTIO DE IGREJAS

Dentro da perspectiva reformada, o plantio de igrejas é compreendido como resultado da soberania de Deus, que decide chamar pessoas de todos os povos por meio da graça manifesta no sacrifício de Jesus Cristo para a sua eterna adoração. Deus é o agente principal que chama, salva, edifica, revitaliza e multiplica a sua igreja. O papel humano limita-se ao uso dos dons distribuídos pelo Senhor para a evangelização, o discipulado e o pastoreio, sob a força de Cristo.

Podemos, portanto, compreender que uma igreja local nasce quando um grupo de cristãos verdadeiros se reúne pela primeira vez em torno da Palavra, da adoração, da comunhão, da oração e da missão (At 2.42–47). O alvo desse ajuntamento não é o sucesso organizacional, mas a manifestação da glória de Deus entre as nações. Voetius resumia esse propósito no tríplice alvo: *conversio*

gentilium (conversão dos gentios), *plantatio ecclesiarum* (plantio de igrejas) e *gloria et manifestatio gratiae divinae* (glória e manifestação da graça divina).

A teologia pactual também sustenta que Deus estabeleceu uma aliança eterna com o seu povo, plenamente consumada em Cristo Jesus (Hb 13.20; Lc 22.20). Podemos, assim, compreender que o plantio de igrejas faz parte da resposta obediente do povo de Deus a esse chamado pactual, refletindo a responsabilidade dos redimidos diante do mandato da Grande Comissão (Mt 28.18–20). Portanto, ao plantar igrejas, a comunidade dos salvos reconhece que o evangelho é o poder de Deus e não se envergonha de proclamá-lo em todo e qualquer contexto (Rm 1.16).

2. RAZÕES PARA O PLANTIO DE IGREJAS

O plantio de novas igrejas responde a imperativos que superam as meras opções metodológicas. Trata-se de um movimento ligado à própria natureza do evangelho, fundamentada em razões eclesiológicas, missiológicas e estratégicas.

2.1. RAZÕES ECLASIOLOGICAS: A NATUREZA COMUNITÁRIA DO POVO DE DEUS

Eclesiologicamente, o plantio de igrejas justifica-se porque faz parte da natureza do povo de Deus reunir-se para adoração, oração, comunhão, edificação na Palavra e missão. A vida cristã plena só pode ser experimentada no contexto da comunidade dos santos, onde os sacramentos são administrados e o pastoreio mútuo é exercido. A união entre o chamado e o envio da igreja torna incompatível uma fé vivida em isolamento.

A igreja é uma entidade coinônica, nascida para amar e conviver com o diferente por meio da união em Cristo. Essa comunhão não significa homogeneidade, mas o deslumbramento com o Senhor, que torna possível a convivência entre pessoas profundamente distintas. Assim, o ajuntamento local é o ambiente em que o amor se traduz em ações práticas, no qual uns encorajam os outros por meio da Palavra e a paz de Deus enche os corações (At 2.44–47; Cl 3.15–16).

Além disso, a igreja é uma comunidade escriturística, que persevera na doutrina dos apóstolos como fundamento de todas as demais práticas. Sem a centralidade da Palavra, a comunhão, a adoração, a oração e a missão perdem seu rumo e sua força. O plantio de igrejas assegura que a verdade bíblica seja ensinada de forma sistemática e contínua, permitindo que o povo de Deus cresça no conhecimento de seu Salvador (At 2.42; 2Tm 3.16–17).

Portanto, faz parte da natureza do povo de Deus reunir-se para viver a adoração ao Senhor, o crescimento na fé, a resistência aos ataques da carne, do mundo e do diabo e o cumprimento da missão.

2.2. RAZÕES MISSIOLÓGICAS: O MANDATO DA GRANDE COMISSÃO E A GLÓRIA DE DEUS

Missiologicamente, o plantio de igrejas é a resposta direta ao mandato de Cristo, conforme expresso em Mateus 28.18–20, que envolve batizar e ensinar os discípulos no contexto de uma comunidade de fé. Fazer discípulos implica inserir os convertidos em uma comunidade espiritual na qual prestem contas e cresçam juntos. Paulo não se satisfazia apenas com a pregação inicial da Palavra, mas buscava o estabelecimento de igrejas capazes de reproduzir o evangelho de Cristo. É importante destacar que a motivação suprema da missão é a glória de Deus, pois Ele deseja ser adorado entre todos os povos e nações (Sl 67.3–5; Mt 1.11). O nascimento de uma igreja em um território anteriormente não alcançado constitui uma evidência da vitória do evangelho e da exaltação do nome de Jesus onde Ele ainda não era conhecido.

Além disso, a igreja é missionária por natureza, pois recebeu graça para a salvação e apostolado para a missão (Rm 1.5). O propósito de Deus é ser conhecido em toda a terra, e a igreja local serve como instrumento para que essa luz brilhe nos lugares mais escuros. Plantar igrejas é, portanto, proclamar o evangelho, fazer discípulos de Jesus e reuni-los em comunidades de fé, isto é, em igrejas, nas quais os cristãos amadurecem e a partir das quais a missão no mundo é cumprida.

2.3. RAZÕES ESTRATÉGICAS: O ENRAIZAMENTO GERACIONAL DO EVANGELHO

Estrategicamente, o plantio de igrejas é o meio mais eficaz de assegurar que o evangelho se enraíze por mais de uma geração em uma localidade, população ou cultura. Vastas áreas evangelizadas, mas sem igrejas locais, voltaram ao estado estéril na geração seguinte, como percebemos pela análise histórica de Patrick Johnstone.⁸ Por outro lado, igrejas locais saudáveis mantêm a mensagem viva, transmitindo-a de pais para filhos por muitas gerações.

O exemplo de Paulo em Romanos 15 ilustra que uma região era considerada alcançada não quando cada indivíduo ouvia a mensagem, mas quando igrejas estrategicamente plantadas já existiam (Rm 15:19-23). A presença dessas comunidades de fé conferia segurança estratégica para que o apóstolo avançasse para novos campos de atividade. A igreja local funciona, portanto, como um farol permanente que continua a iluminar o território muito após a partida do missionário.

A experiência em campos contemporâneos confirma que regiões onde nasceram igrejas experimentam uma transformação cultural profunda e duradoura, enquanto esforços sem plantio de igrejas resultaram em influência superficial e passageira. Percebemos tal realidade de forma clara, por exemplo, entre o povo Konkomba, falante da língua Limonkpele, em Gana, no oeste africano, onde pude servir como plantador de igrejas por vários anos juntamente

⁸ JOHNSTONE, Patrick. *The church is bigger than you think*. Fearn: Christian Focus, 1998. p. 64.

com minha esposa Rossana. Ao observarmos hoje aquele campo, a evidência é inequívoca: aldeias onde houve abundante evangelização, mas onde igrejas não foram plantadas, retornaram quase inteiramente ao seu estado inicial; enquanto outras, onde igrejas foram estabelecidas, conseguiram transmitir o evangelho aos seus filhos e netos, além de expandirem a proclamação da mensagem de Jesus Cristo entre outros e nas regiões ao redor.

O plantio de igrejas permite que a cosmovisão cristã se enraíze na vida diária do povo, influenciando sua ética, seus relacionamentos e sua esperança eterna. Assim, podemos concluir que plantar igrejas é um meio provido por Deus para a saturação e o enraizamento do evangelho na terra.

3. ELEMENTOS ESSENCIAIS NO PLANTIO DE IGREJAS: A PERSPECTIVA PAULINA

Ao longo de suas epístolas, o apóstolo Paulo apresenta densas e preciosas sínteses que podem ser compreendidas como verdadeiros resumos missiológicos, nos quais concentra os fundamentos, o conteúdo e a prática da missão cristã. Em alguns momentos, resume o próprio evangelho em sua essência redentiva, como em 1 Coríntios 15.3–4; em outros, descreve sua vocação e o propósito missionário entre as nações, como em Romanos 1.1–5 e Efésios 3.8–12. Também explicita o método e a dependência do poder de Deus na proclamação, como em 1 Coríntios 2.1–5, bem como a natureza da mensagem reconciliadora confiada à igreja, conforme 2 Coríntios 5.17–21. Em termos estratégicos, Paulo delineia sua atuação missionária voltada aos não alcançados em Romanos 15.18–24. Entre essas e outras sínteses, destaca-se de forma singular o texto de 1 Tessalonicenses 1.5, no qual o apóstolo apresenta, de maneira concentrada, os elementos essenciais envolvidos no nascimento de uma igreja local, servindo como base teológica e prática para a compreensão do plantio de igrejas.

A igreja em Tessalônica destaca-se como o exemplo de plantio possivelmente mais célere registrado no Novo Testamento, tendo sido estabelecida pelo apóstolo Paulo e sua equipe em um período extremamente curto. Conforme o relato de Atos 17.1–9, Paulo expôs as Escrituras e arrazoou com os judeus durante apenas três sábados, um intervalo de possivelmente três a cinco semanas, além de atuar em casas e praças públicas. Mesmo em um contexto de forte oposição e perseguição imediata, que forçou a partida da equipe missionária para Bereia, o trabalho resultou no nascimento extraordinário de uma igreja local que logo demonstrou amadurecimento espiritual. Essa experiência singular evidenciou elementos essenciais para o nascimento de uma igreja local, resumidamente apresentados pelo apóstolo em 1 Tessalonicenses 1.5, texto que revela seis fatores fundamentais para o surgimento da igreja em Tessalônica, mesmo sob condições tão adversas.

Os tessalonicenses estavam certamente admirados com o apóstolo Paulo e poderiam, assim, confundir os fundamentos de sua fé. Paulo, portanto, escreve

essa primeira carta à igreja e, logo no início, deixa bem claro que ela não nasceu pela chegada do apóstolo, mas pela chegada do evangelho. Assim, apresenta os elementos que, observados à luz da perspectiva teológica e prática paulina, podem ser compreendidos como essenciais para o nascimento de uma igreja local. Assim, lemos: “Porque o nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor de vós” (1Ts 1.5).

3.1. O EVANGELHO

O primeiro elemento apresentado pelo apóstolo à igreja em Tessalônica, ao explicar o nascimento daquela comunidade, foi o evangelho, ao afirmar: “porque o nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra”. A declaração evidencia que o fator determinante para o surgimento da igreja não foi a presença do pregador, mas a chegada do evangelho de Cristo.

Um dos equívocos mais graves na prática missionária contemporânea consiste na substituição da proclamação de Cristo pela apresentação da própria igreja, de sua estrutura organizacional, de seus programas, líderes, pastores, teólogos e missionários. Esse desvio decorre, em grande medida, do perigo sociológico, caracterizado pela redução do plantio de igrejas a uma cadeia de soluções utilitárias para necessidades humanas, priorizando o progresso social e eclesial em detrimento da transformação de vidas para a glória de Deus. Quando o conceito de evangelho é sociologizado, o centro da mensagem desloca-se do sacrifício de Cristo para as necessidades e aspirações humanas, produzindo, muitas vezes, uma adesão meramente institucional que, embora possa gerar convencimento intelectual ou identificação comunitária, não resulta, necessariamente, em regeneração espiritual.

Para evitar essa distorção, torna-se indispensável reafirmar que o evangelho não consiste em um projeto humano, uma denominação ou um evento, mas na própria pessoa de Jesus Cristo. Na perspectiva paulina, o evangelho concentra-se em Cristo sob três dimensões inseparáveis: sua identidade, isto é, quem Ele é; sua obra redentora, realizada em sua encarnação, morte e ressurreição; e sua consumação escatológica, expressa em sua segunda vinda, no juízo e em seu governo eterno. Dessa forma, embora a promoção da própria igreja possa produzir crescimento numérico e visibilidade organizacional, somente a centralidade de Cristo possui eficácia salvífica e corresponde fielmente à natureza da missão cristã (Rm 1.1–4; 1Co 15.3–4; Cl 1.15–20; 1Ts 1.10). Assim, do ponto de vista bíblico-teológico, o plantio de igrejas deve ser compreendido como uma atividade cuja centralidade permanece na proclamação do evangelho de Cristo, isto é, na comunicação de sua pessoa e de sua obra redentora passada, presente e futura.

3.2. AS PALAVRAS

Quando Paulo afirma: “porque o nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra”, ele desloca o foco primário da eficácia das palavras humanas para a ação transformadora do evangelho no coração do pecador. Isso, porém, não implica a desvalorização da linguagem. Na estrutura do argumento paulino, as palavras ocupam um papel instrumental: constituem o meio ordinário utilizado por Deus para comunicar o evangelho, embora não possuam, em si mesmas, poder regenerador. Sua eficácia depende da ação concomitante de Deus, que faz com que a mensagem alcance o coração humano de forma transformadora.

Assim, embora a salvação dependa exclusivamente da ação divina, o evangelho é comunicado por meio da palavra (*logos*), entendida, nesse contexto, como a comunicação humana empregada por Deus para tornar inteligível a verdade revelada (Rm 10.14–17). Desse modo, o plantio de igrejas exige não apenas fidelidade teológica ao conteúdo proclamado, mas também clareza, precisão e adequação na forma de sua comunicação. Compete à igreja comunicar a verdade de Deus de maneira compreensível, para que a mensagem seja corretamente apreendida pelos ouvintes.

Nessa perspectiva, a comunicação do evangelho requer constante reflexão sobre a relação entre a mensagem proclamada e sua efetiva compreensão pelos destinatários. Embora a maioria das heresias decorra da infidelidade teológica na exposição das Escrituras, também é possível que interpretações heterodoxas surjam quando uma mensagem ortodoxa é inadequadamente compreendida. Esse fato evidencia a importância da competência linguística, da sensibilidade cultural e da contextualização responsável na tarefa missionária. Aprender a língua, compreender a cultura, considerar o contexto e comunicar a Palavra de forma simultaneamente fiel às Escrituras e inteligível aos ouvintes constituem dimensões indispensáveis da missão cristã.

3.3. PODER

Logo após afirmar que o evangelho havia chegado, e não apenas por meio de palavras humanas, Paulo acrescenta: “mas, sobretudo, em poder”. O poder de Deus refere-se à sua ação eficaz e soberana, pela qual corações de pedra são transformados em corações de carne. Uma definição expressiva desse conceito encontra-se em John Knox, para quem o poder de Deus consiste na transformadora manifestação de um Deus sempre presente. Sem essa intervenção divina, todo esforço voltado ao plantio de igrejas reduz-se a técnicas de convencimento psicológico e sociológico ou a formulações estratégicas incapazes de produzir regeneração espiritual. A igreja nasce verdadeiramente onde a ação soberana de Deus reúne, em comunhão, pessoas profundamente diferentes.

O evangelho é, por definição, o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16). Esse elemento fundamental evidencia que o êxito da missão depende da atuação divina e convida o plantador de igrejas a exercer seu ministério com diligência, sem perder de vista sua absoluta dependência da ação soberana do Senhor.

Embora seja possível aperfeiçoar métodos, elaborar estratégias e seguir cuidadosamente procedimentos missionários, tais recursos permanecem insuficientes se Deus não agir eficazmente. Em contrapartida, quando sua graça opera, nenhuma limitação humana é capaz de impedir os efeitos de sua ação redentora. Nessa perspectiva, a regeneração, a restauração e o estabelecimento da igreja não decorrem da capacidade humana, mas da eficácia do poder divino que atua na história segundo os seus propósitos.

Assim, o poder de Deus constitui tanto o fundamento da proclamação quanto a causa da compreensão espiritual do evangelho, sendo Ele quem abre o entendimento do ser humano para receber a verdade (Lc 24.45). O plantio de igrejas, portanto, não deve ser compreendido primariamente em termos de habilidade humana ou eficiência estratégica, mas como expressão da ação soberana de Deus, que ama, redime e transforma vidas para a sua própria glória. Sob essa perspectiva, o exercício do plantio de igrejas exige uma postura marcada por três características fundamentais: humildade, ao reconhecer que o plantador não é o agente da transformação, mas apenas instrumento nas mãos de Deus (1Co 3.6–7); dependência, ao compreender que todo fruto espiritual procede exclusivamente da ação soberana do Senhor e não da capacidade humana (Jo 15.5); e esperança, ao desenvolver o ministério com a convicção de que Deus continua operando poderosamente para cumprir seus propósitos redentivos na história (Ef 3.20).

3.4. O ESPÍRITO SANTO

Ainda na sequência dos elementos essenciais para o nascimento de uma igreja local, o apóstolo prossegue afirmando: “no Espírito Santo”. O Espírito Santo é aquele que atua eficazmente na aplicação da obra redentora de Cristo, convencendo o ser humano do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8), despertando nele a consciência de sua condição de perdição e conduzindo-o à fé em Cristo. É também o Consolador prometido, que permanece com a igreja, fortalecendo-a e conduzindo-a nos caminhos de Cristo (Jo 14.16–17). Sem a sua atuação, a proclamação do evangelho permanece destituída de eficácia espiritual.

Gisbertus Voetius recorda que a missão possui natureza essencialmente trinitária, sendo o Espírito Santo aquele que regenera, sela e preserva os salvos (Ef 1.13). É Ele quem reveste a igreja de autoridade e poder para servir ao Senhor e testemunhar de Cristo até os confins da terra (At 1.8). A atuação do Espírito Santo

constitui, portanto, condição indispensável para o surgimento e a consolidação de toda igreja autenticamente bíblica.

Essa compreensão confere à oração um lugar central na teologia e na prática do plantio de igrejas. Se é Deus quem faz nascer a sua igreja, a ação missionária deve caracterizar-se, antes de tudo, pela dependência da graça divina, expressa na intercessão, e não pela confiança em recursos meramente mercadológicos ou estratégias de promoção institucional. É o Espírito Santo quem dirige a igreja na oração, fortalece sua fé e sustenta seu serviço, promovendo, por meio do evangelho, a transformação de pessoas e de comunidades. Dessa forma, sua atuação permanece central tanto na constituição da igreja quanto na perseverança de sua missão no mundo.

3.5. PLENA CONVICTÃO

Após falar sobre o evangelho, as palavras humanas, o poder de Deus e a ação do Espírito Santo, o apóstolo apresenta um novo elemento, traduzido no texto como “plena convicção”.

Há duas distintas compreensões acerca do significado de “plena convicção” (*plerophoria*) nesse texto. Para alguns, refere-se à convicção que os tessalonicenses passaram a ter a partir da conversão ao evangelho de Cristo. Outros exegetas defendem que a expressão se refere à convicção que Paulo e sua equipe possuíam de que estavam no lugar certo, segundo a direção de Deus.

Minha compreensão é que há mais indicações textuais e contextuais em favor da segunda opção. Assim, essa plena convicção apontaria para a certeza pessoal de estar no lugar certo, no tempo certo, fazendo a vontade de Deus. É preciso lembrar que a chegada à Macedônia foi marcada por desafios, pois a equipe missionária tentou primeiramente ir para a Ásia e a Bitínia, sendo impedida por Deus. Somente após permanecer algum tempo em Trôade o Senhor deu direção clara para o passo seguinte, conduzindo-os à Macedônia, chegando primeiramente a Filipos e, depois, a Tessalônica (At 16:6–10).

Essa convicção pessoal não nasce da autoconfiança, mas do discernimento espiritual que move o plantador mesmo em meio às perseguições ou à ausência de frutos visíveis. Ela funciona como um convite à busca contínua da direção divina antes de qualquer decisão ou planejamento. Trata-se de um chamado à dependência do Senhor.

Precisamos desesperadamente dessa convicção que somente Deus pode conceder, pois o que deve definir a paz em nossos corações não são as circunstâncias favoráveis, mas a vontade de Deus sendo cumprida (Cl 3.15). O que sustenta um obreiro no campo não são os frutos, o apoio prático ou a fidelidade da igreja que o enviou, mas a profunda convicção de que está no lugar onde Deus o colocou.

3.6. PROCEDIMENTO

A sequência dos elementos essenciais para o nascimento de uma igreja, que passa pelo evangelho, pelas palavras humanas, pelo poder de Deus, pelo Espírito Santo e pela plena convicção, encerra-se com o testemunho, denominado aqui de procedimento. Paulo dedica uma frase inteira para evidenciá-lo: “assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor de vós”.

O procedimento, *hoios*, refere-se ao testemunho visível de vida que confirma a mensagem proclamada aos ouvintes. O apóstolo destaca que o comportamento da equipe missionária era conhecido e observado por todos ao redor, tornando os novos crentes imitadores de Cristo por meio do exemplo daqueles que lhes anunciaram as boas-novas. Esse conceito está plenamente alinhado com o ensino de Jesus, que enviou sua igreja para ser sua testemunha até os confins da terra (At 1.8).

Esse é um aspecto que merece destaque. Uma igreja verdadeiramente reformada deve sê-lo tanto em sua confissão de fé quanto em sua piedade diária. Não basta a ortodoxia declarada se ela não for acompanhada de uma ortopraxis visível, pois a verdade que não alcança o coração dificilmente se manifesta na vida. A coerência entre aquilo que se crê e aquilo que se vive sustenta o testemunho cristão diante de um mundo que observa atentamente e julga pela prática (Tg 1.22).

O maior desafio da missão não está apenas em comunicar corretamente o conteúdo do evangelho, mas em vivê-lo de forma íntegra e constante, contrariando as inclinações do próprio coração para que a glória de Deus resplandeça por meio de vidas santas. Isso exige mortificação diária do pecado e submissão contínua à vontade de Deus, pois é no íntimo do coração que a fidelidade é provada (Gl 5.16). Assim, a igreja é chamada a refletir não apenas a verdade que proclama, mas também o caráter daquele que a enviou, sendo santa em toda a sua maneira de viver (1Pe 1.15–16).

Somos observados em nossas ações, palavras e até mesmo em nosso silêncio, e é por meio dessa observação que o mundo verifica se a transformação anunciada é efetivamente percebida na vida daqueles que a proclamam. Portanto, o plantador de igrejas deve guardar o seu coração e buscar uma vida compatível com a fé que anuncia.

4. BOAS PRÁTICAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS

A prática de plantar igrejas exige a aplicação de princípios bíblicos imutáveis a contextos locais dinâmicos.⁹ Assim, o plantio deve ser visto como um processo cíclico e intencional que envolve diversas frentes de ação.

⁹ LIDÓRIO, Ronaldo; MENEZES, Ademir. *A tradição teológica reformada e o movimento missionário*. São Paulo: Kingdom Words, 2025. Capítulo 10 - Práticas e desenvolvimentos.

4.1. EVANGELIZAÇÃO ABUNDANTE E CRISTOCÊNTRICA

Igrejas não nascem em gabinetes pastorais, mas nas ruas, por meio de uma semente abundante e constante do evangelho (Mt 13.3–9). A intensidade da evangelização pessoal e o uso de múltiplas formas de comunicação constituem fatores fundamentais para o nascimento de novas comunidades de fé. Não se deve dedicar atenção excessiva às estruturas administrativas a ponto de perder de vista a centralidade da pregação da Palavra, pois somente o evangelho promove a verdadeira transformação.

Essa evangelização deve ser rigorosamente cristocêntrica, centrada em quem Jesus é e no que ele fez, faz e fará. O evangelho não consiste em um projeto humano, mas na própria pessoa de Cristo, o poder de Deus manifestado na história. Como já foi demonstrado, a proclamação da igreja ou de seus líderes pode gerar adesão institucional, mas somente a proclamação de Cristo conduz à salvação e à vida eterna. No processo de plantio, cada semente lançada deve comunicar a identidade e a missão de Jesus conforme reveladas nas Escrituras.

A abundância da evangelização deve ser acompanhada de uma abordagem apologética que respeite o contexto, sem negociar a verdade. Assim como Paulo em Tessalônica, o plantador deve dedicar-se à exposição das Escrituras de forma inteligível e aplicável (At 17.2–3). Michael Green sustenta que as estratégias evangelizadoras do primeiro século se caracterizavam pela clareza, simplicidade, envolvimento pessoal e dimensão comunitária.¹⁰ Dessa forma, a proclamação do evangelho deve ser realizada de maneira ampla, diligente e intencional, reconhecendo que a eficácia da mensagem não depende do mensageiro, mas da ação soberana do Espírito Santo, que produz vida onde lhe apraz (Ec 11.6).

4.2. DISCIPULADO E TREINAMENTO DE LIDERANÇA LOCAL

O plantio de uma igreja local somente se completa com a incorporação dos convertidos à vida da comunidade e com a constituição de uma liderança local. A multiplicação de igrejas está diretamente relacionada à formação e ao desenvolvimento de lideranças locais capacitadas. O modelo neotestamentário de discipulado articula o ensino sistemático da Palavra com o acompanhamento pessoal, no qual o discipulador transmite não apenas conteúdo doutrinário, mas também um modelo de vida cristã (2Tm 2.2).

O investimento na formação de obreiros locais favorece o enraizamento do evangelho na cultura ao longo das gerações, reduzindo a dependência prolongada de recursos externos. Nesse sentido, o plantador de igrejas deve identificar pessoas com disposição para aprender e amadurecer na Palavra, acompanhando-as de forma sistemática para que, futuramente, também exerçam o ministério do discipulado. Assim, a vitalidade de uma igreja deve ser avaliada

¹⁰ GREEN, Michael. *Evangelismo na Igreja Primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

prioritariamente pela qualidade da liderança em formação, e não apenas pelo número de seus membros.

Esse processo envolve oferecer oportunidades concretas para que os discípulos desenvolvam atividades ministeriais juntamente com o plantador. À medida que amadurecem na fé e no caráter, esses líderes assumem progressivamente maiores responsabilidades na condução da igreja. O objetivo é o estabelecimento de uma comunidade eclesial capaz de exercer seu ministério de forma autônoma, permanecendo fiel às Escrituras, servindo ao próximo e proclamando o evangelho sob a direção do Espírito Santo.

4.3. INTENCIONALIDADE E PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

A intencionalidade é o resultado de uma visão clara aliada à iniciativa prática para atingir um alvo. Sem planejamento, a obra missionária corre o risco de perder-se em idealismos sem execução ou em ativismos sem direção. É necessário traduzir a visão do que se deseja alcançar ao final do projeto em objetivos específicos e estratégias concretas, organizando os passos para que a ação missionária resista aos desafios do campo.

O planejamento estratégico protege o ministério contra distrações e conflitos que drenam a energia emocional do plantador. Propõe-se que todo plano de ação missionária responda a quatro perguntas fundamentais: o que deve ser feito, quem o fará, quando será feito e qual é o resultado esperado. Essa organização funcional contribui para manter o foco nas prioridades bíblicas e teológicas, garantindo que o tempo e os recursos sejam empregados de maneira adequada.

Deus foi intencional em sua criação (Gn 1.1–3), estabelecendo ordem, propósito e direção desde o princípio, e Jesus foi igualmente intencional ao confiar à sua igreja a Grande Comissão (Mt 28.18–20), definindo com clareza o conteúdo, o alcance e o objetivo da missão. Nada na obra redentiva ocorre de forma aleatória ou improvisada, pois a ação de Deus revela planejamento, propósito e continuidade ao longo da história. À luz disso, o plantio de igrejas não deve ser conduzido por impulsos momentâneos ou esforços desorganizados, mas por uma visão clara que nasce do chamado divino e se desenvolve por meio de ações intencionais, biblicamente orientadas. Assim, o plantador é desafiado a alinhar seu coração e suas estratégias à vontade de Deus, buscando não apenas realizar a obra, mas realizá-la segundo os princípios revelados nas Escrituras.

Paulo igualmente moldou sua vida em torno da visão de tornar Cristo conhecido entre os gentios (Rm 15.20), demonstrando zelo tanto pelo conteúdo da mensagem quanto pela forma de sua execução. Sua intencionalidade evidencia-se na maneira como planejava seus deslocamentos, escolhia centros estratégicos e avançava progressivamente para regiões ainda não alcançadas. Um exemplo claro disso encontra-se em sua decisão de não edificar sobre fundamento

alheio, priorizando áreas onde Cristo ainda não havia sido anunciado e projetando alcançar novas fronteiras missionárias, como a Espanha (Rm 15.20–24). Essa postura revela um apóstolo que não apenas obedecia ao chamado, mas o fazia com discernimento, planejamento e foco. Assim, o plantador contemporâneo é chamado a seguir esse modelo, unindo dependência de Deus e intencionalidade prática, para que a missão avance de forma fiel e frutífera.

4.4. AJUNTAMENTOS CÚLTICOS: O INÍCIO DA ADORAÇÃO COMUNITÁRIA

Os ajuntamentos cúlticos devem ser iniciados mesmo com um número reduzido de convertidos, pois o culto é uma oportunidade singular de fortalecimento espiritual e testemunho público. O plantador não deve esperar por um grande grupo para organizar os momentos de adoração comunitária.

Desde os primeiros ajuntamentos cúlticos de uma nova igreja, os cultos devem ser marcados por cinco elementos fundamentais: Palavra, oração, comunhão, adoração e missão. A Palavra deve ser ensinada com zelo e fidelidade teológica, visando à edificação e ao amadurecimento dos crentes. A oração deve constituir o diálogo dos cristãos com o Pai, em nome do Filho (Jo 16.23), enquanto a comunhão é fortalecida pelo amor mútuo e pelo partir do pão (At 2.42), que une os santos em Cristo. A adoração consiste na exaltação conjunta do nome de Cristo (Cl 3.16), ao passo que a missão se manifesta pela proclamação do seu nome, perto e longe (Mc 16.15–16).

O culto não deve ser compreendido apenas como um programa interno, mas como parte do propósito de Deus de ser adorado entre todos os povos (Sl 96.3). Iniciar os cultos de forma bíblica e completa, desde o princípio, imprime na nova igreja o DNA de um povo que vive para a glória do Senhor.

Um dos maiores erros observados no plantio de novas igrejas, especialmente em seu estágio inicial, quando há apenas um pequeno grupo de novos convertidos, é a insuficiente dedicação do plantador ao preparo do culto e, sobretudo, da mensagem bíblica. Muitas vezes, o número reduzido de ouvintes leva a uma preparação superficial, como se a simplicidade do ajuntamento justificasse menor zelo. No entanto, é exatamente nesse momento que se estabelece o DNA espiritual da igreja, e a forma como a Palavra é tratada moldará profundamente a comunidade nascente. O compromisso com a fidelidade bíblica, a clareza na exposição e a reverência no culto não deve variar conforme o tamanho do grupo. Assim, a preparação e a proclamação da Palavra devem manter o mesmo rigor teológico e pastoral, independentemente do número de ouvintes, pois o valor da mensagem não está na dimensão do auditório, mas na grandeza daquele que é proclamado (2Tm 4.2).

4.5. MULTIPLICAÇÃO E MISSÃO DAS IGREJAS PLANTADAS

A multiplicação é o resultado natural de uma igreja saudável que compreende sua identidade missionária. Uma igreja plantada deve nascer com a consciência de que é chamada para gerar novas igrejas, não se limitando apenas à sua própria sobrevivência. O plantador deve ensinar e praticar a missão desde os primeiros dias, levando os novos crentes para as ruas para compartilhar sua fé e orar pelos perdidos (Mt 9.37-38).

Assim, a reprodução de igrejas deve ocorrer preferencialmente através dos crentes locais e não apenas pelo esforço do plantador original. Nesta fase, os plantadores assumem uma posição de supervisão e encorajamento, permitindo que a liderança local tome a linha de frente no início de novos trabalhos. Igrejas que plantam outras igrejas cumprem plenamente a sua finalidade e demonstram a vitalidade do evangelho enraizado.

O plantio de igrejas pode ser realizado por meio de diversas abordagens estratégicas, variando desde o esforço isolado de uma única pessoa ou casal até a atuação de equipes dinâmicas que buscam diversidade de dons e métodos.

Um modelo relevante é o do grupo-base, definido como um conjunto de crentes que, sob a orientação de um plantador de igrejas, reúne-se intencionalmente para participar ativamente do nascimento de uma nova igreja local.

Outra estratégia recorrente é o modelo da igreja-mãe, no qual uma igreja estabelecida destaca pessoas para iniciar novas congregações, permitindo que estas alcancem autonomia e que a igreja de origem permaneça dedicada ao desenvolvimento de novos projetos missionários.

O modelo itinerante constitui outra estratégia. Nesse caso, um grupo vinculado a uma igreja local ou organização missionária investe de forma regular e contínua em determinada população ou região, por meio de visitas frequentes voltadas à evangelização, ao discipulado e ao acompanhamento progressivo, até o estabelecimento de uma igreja local.

Outra abordagem amplamente utilizada, sobretudo em contextos transculturais ou geograficamente mais distantes, é o modelo do plantador enviado. Nesse caso, uma igreja ou agência missionária envia um obreiro ou uma equipe para residir entre um povo ou em determinada região com o propósito de anunciar o evangelho, discipular os novos convertidos e estabelecer uma igreja local.

Cada uma dessas abordagens apresenta vantagens e limitações, não devendo nenhuma delas ser considerada um modelo exclusivo. O aspecto essencial é que todas sejam conduzidas com fidelidade às Escrituras, sensibilidade ao contexto e dependência do Senhor, reconhecendo que, independentemente da estratégia adotada, é Deus quem chama, salva, edifica e multiplica a sua igreja.

Esse movimento multiplicador deve contemplar tanto o envio missionário local quanto o transcultural, refletindo uma visão abrangente do Reino de Deus (Ap 7.9). A igreja local é fortalecida à medida que se entrega à expansão do evangelho, enviando seus próprios membros para contextos próximos e distantes, incluindo regiões ainda não alcançadas. Desse modo, o plantio de igrejas frutíferas contribui para que a mensagem do Cordeiro continue sendo proclamada por gerações futuras em todos os povos e lugares da terra.

CONCLUSÃO

O plantio de igrejas, na perspectiva paulina, revela-se como uma obra fundamentada na soberania absoluta de Deus e na fidelidade aos princípios das Escrituras. A experiência de Paulo em Tessalônica oferece uma síntese missiológica de caráter permanente ao identificar o evangelho, as palavras, o poder, o Espírito Santo, a plena convicção e o procedimento como elementos essenciais para o nascimento de uma comunidade cristã. Esses fatores constituem uma base teológica que articula a ação soberana de Deus e a responsabilidade humana no contexto missionário.

Uma conclusão central deste estudo é que o plantio de igrejas não pode ser compreendido como resultado da iniciativa humana, pois é Deus quem chama, salva, edifica e multiplica a sua igreja. O surgimento de uma igreja local transcende formulações estratégicas e depende integralmente da ação soberana de Deus e da atuação do Espírito Santo na regeneração humana. É o Espírito Santo quem convence o ser humano do pecado e o conduz ao evangelho, conferindo à oração um lugar central e anterior a qualquer planejamento missionário.

Do ponto de vista missiológico, o êxito de um projeto de plantio de igrejas não deve ser aferido por critérios meramente quantitativos, mas pela manifestação da glória de Deus entre as nações. Conforme articulado por Gisbertus Voetius, o propósito último da missão é a exaltação do Senhor Jesus Cristo, e cada igreja estabelecida deve constituir um testemunho visível da obra redentora do Deus triúno. Assim, o plantio de igrejas existe primariamente para que Deus receba glória por meio de Jesus Cristo (Rm 16.27).

Em termos estratégicos, conclui-se que o plantio de igrejas representa o meio mais eficaz para assegurar o enraizamento duradouro do evangelho em uma cidade, território ou povo. Regiões evangelizadas sem o estabelecimento de comunidades locais tendem a apresentar menor continuidade na transmissão da fé cristã. Nesse sentido, a igreja local exerce papel fundamental como comunidade responsável pelo ensino da doutrina, pela administração dos sacramentos e pela preservação da fé cristã ao longo das gerações (2Tm 1.5).

A experiência missionária frequentemente é marcada por dificuldades, oposição e perseverança, exigindo dedicação contínua e disposição para enfrentar os desafios inerentes à expansão do evangelho. Contudo, a esperança cristã

fundamenta-se na promessa de que o labor realizado em fidelidade a Deus não é inútil, mas produz fruto segundo os propósitos divinos (Sl 126.5–6). A perseverança missionária encontra seu fundamento último na presença constante de Cristo com a sua igreja, conforme prometido na Grande Comissão (Mt 28.20). Por fim, a integração entre doutrina e piedade constitui um princípio indispensável tanto para o plantador quanto para a igreja estabelecida. O conhecimento teológico desvinculado da piedade tende ao intelectualismo estéril, enquanto a experiência religiosa dissociada da Palavra abre espaço para o erro doutrinário. A formação de igrejas saudáveis requer, portanto, a integração entre fidelidade teológica, maturidade espiritual e obediência prática às Escrituras. Nessa perspectiva, o plantador de igrejas exerce seu ministério como instrumento da ação soberana de Deus, submetendo-se continuamente à sua vontade (Is 64.8).

Como afirmou Tomás de Kempis: “Que te aproveita discorrer profundamente sobre a Santíssima Trindade, se não és humilde e, por isso, à Trindade desagradas?”¹¹ Conclui-se este artigo reafirmando que o plantio de igrejas deve permanecer alicerçado na centralidade de Cristo, na fidelidade às Escrituras e na dependência da graça soberana de Deus. Nesse sentido, permanece atual o emblema adotado por João Calvino, *Cor meum tibi offero, Domine, prompte et sincere* (“O meu coração a ti ofereço, Senhor, pronta e sinceramente”), como expressão de uma espiritualidade caracterizada pela submissão integral ao Senhor da igreja.

À luz dessa perspectiva, o trabalho missionário deve ser preservado tanto do pragmatismo quanto de qualquer concepção que reduza a missão a resultados meramente humanos. A formação de igrejas biblicamente fiéis, espiritualmente saudáveis, comprometidas com a adoração, a proclamação do evangelho e a missão constitui a finalidade do plantio de igrejas, para que o nome de Jesus Cristo seja glorificado entre todos os povos e em todas as gerações.

ABSTRACT: This article analyzes the biblical-theological foundations and church planting practices from the perspective of the Apostle Paul and the Reformed tradition, with special emphasis on Gisbertus Voetius' trinitarian missiology. The author argues against ministerial pragmatism and sociologism, advocating that the birth of new churches should be an organic and spiritual process grounded in God's sovereignty, rather than a merely institutional or impositive act. Through the analysis of 1 Thessalonians 1:5, the study identifies six essential elements for planting: the gospel, words, power, the Holy Spirit, full conviction, and the holy procedure of the missionary team. In addition to addressing ecclesiological and missiological reasons, the text highlights the strategic importance of planting for the generational rooting of the gospel. It concludes that the best practices involve Christocentric evangelism, local leadership training, and strategic intentionality,

¹¹ DE KEMPIS, Tomás. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Ecclesiae, 2020. p. 15.

always aiming at the final goals of mission: obedience to the Word, conversion of the lost, and the glory of God.

KEYWORDS: Church Planting; Pauline Perspective; Missiology; Ecclesiology; Piety.